



# Às margens da rodovia

Exposição. Fotógrafa e antropóloga Andrea Eichenberger apresenta resultado de sua viagem pela BR-101 na mostra "Translitorânea"

Traces. Um recorte de 30 fotografias dessa viagem pelos 4.500 km da rodovia serão exibidas pela fotógrafa, no que ela define como um retrato subjetivo do país

JULIETE LUNKES  
juliete.lunkes@noticiasdoDia.com.br

Após três etapas e longas viagens pelos mais de 4.500 quilômetros da BR-101 acompanhada de uma câmera Hasselblad analógica, a fotógrafa e antropóloga Andrea Eichenberger apresenta a partir de hoje no Mesc (Museu da Escola Catarinense), em Florianópolis, o resultado de sua aventura on the road na exposição "Translitorânea". Com curadoria do historiador da arte francês Michel Poivert e cocuradoria de Lucila Horn e La Renata, a mostra traz um recorte de 30 fotografias captadas pelo olhar de Andrea, que sem qualquer pretensão analítica ou documental, acredita ter traçado a imagem do Brasil através dos objetos e personagens (chamados às margens da rodovia).

"Eu não estava buscando fazer uma análise, minha intenção era captar histórias de vida, mas elas acabaram resultando em um retrato subjetivo do país", explica.

Como Andrea vive em ponte aérea entre Paris e Florianópolis, o projeto iniciou sua produção por partes. Começou em janeiro de 2012, quando saiu de Florianópolis rumo ao sul, e

só continuou em dezembro do mesmo ano, com o trajeto entre a Capital catarinense e o Rio de Janeiro. Após ser contemplada com o prêmio Funarte (Fundação Nacional de Artes) Mulheres nas Artes Visuais no ano passado, Andrea pode finalmente finalizar o trabalho ao longo de dezembro de 2013 e janeiro de 2014, rumo ao trecho norte da rodovia.

"Eu nunca tinha passado do Rio de Janeiro, então para mim era tudo novo e diferente, eu não sabia o que ia encontrar e fui sem ideias pré-concebidas. Essa última etapa foi mais complicada porque o que antes eu vinha fazendo de maneira leve acabou se tornando um compromisso, por causa do prêmio, então foram muitos quilômetros por dia e menos tempo para descobrir histórias", conta.

Dispostas sem qualquer ordem geográfica, cada fotografia tem duas histórias diferentes, a de como Andrea chegou a ela, e a que está por trás de cada rosto clicado. De acordo com a fotógrafa, muitas foram feitas em momentos de descanso, quando ela e o companheiro-assistente Alex Bresson paravam para descansar, abastecer ou tomar uma água pelo caminho.

- **O quê:** Exposição "Translitorânea", de Andrea Eichenberger
- **Quando:** Abertura 13/3, 19h, visitação até 11/4
- **Onde:** Museu da Escola Catarinense, rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis
- **Quanto:** Gratuito

## Novo espaço

As fotografias da mostra estarão expostas na sala "Mutações", no segundo piso do casarão de 1922 recuperado em 2013. Localizado no centro histórico da Capital, o museu por enquanto não está abrindo editais para exposições devido à falta de recursos, mas já recebe propostas de artistas interessados em expor. "No momento ainda não temos condições de dar a contrapartida que um edital exige porque estamos investindo no espaço. Na exposição da Andrea, por exemplo, foi cedida apenas a sala", explica a coordenadora do Mesc, Sandra Makowiecky. De acordo com ela, ao longo do ano o local deverá receber várias mostras, incluindo a programação da Maratona Cultural, que ocorre entre os dias 21 e 23 de março. Ainda neste primeiro semestre, o plano também é colocar em funcionamento o café e loja do museu.

## ENTREVISTA



Michel Poivert - curador de "Translitorânea"

Historiador francês e crítico de arte, especialista em fotografia, principalmente na produção contemporânea, Michel Poivert é o curador da mostra "Translitorânea". Doutor em história da arte pela Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, onde também leciona, em 2012 ele esteve em Florianópolis. Nesta entrevista, feita por e-mail, ele fala sobre a curadoria e também sobre fotografia.

No texto crítico o senhor classifica as imagens de Andrea como naturezas-mortas que são metáforas de memória? O senhor também diz que ela faz uma alegoria à democracia? Poderia falar um pouco sobre as duas questões?

É com relação a certas imagens de Andrea que eu falo de natureza-morta, quando seu olhar se posta sobre objetos cotidianos abandonados, dos quais ela realça o caráter estético apesar do seu desuso. O que poderia ser simplesmente lixo é magnificado e essas pequenas ruínas contemporâneas contêm a ideia do tempo e de seus efeitos sobre o mundo, são objetos prosaicos de meditação. A dimensão democrática da obra em seu conjunto reside na relação que Andrea estabelece com as pessoas e a forma como ela decidiu representá-las: seu ser não é definido por uma categoria social, todos são iguais diante da lente, não há julgamento, trata-se, antes de tudo, de um povo.

Como um pensador com a sua trajetória vê o papel da fotografia num mundo tão saturado de imagens?

A fotografia, cuja morte havia sido prevista com a chegada do digital, é, ao contrário, um tipo de imagem em plena ascensão, notadamente em razão dos novos comportamentos relacionados ao compartilhamento nas redes sociais. Esse desenvolvimento social da fotografia aumenta ainda mais o fluxo de imagens no mundo, mas ele oferece também um papel importante aos cidadãos que se exprimem por esse meio. Em todas as épocas o seu excesso foi criticado, mas quando refletimos, o problema está relacionado ao fato que as imagens desaparecem, razão pela qual hoje observamos um grande esforço em conservar e restaurar as imagens das gerações precedentes.

Qual é a relação entre fotografia e arte hoje?

Essa relação evoluiu e é sempre polêmica, porém, a partir dos anos 1980, pode-se dizer que a

arte tornou-se o lugar de consagração da fotografia: é mais no museu do que na imprensa que reconhecemos um grande fotógrafo. O que não quer dizer que a fotografia é uma arte em sua globalidade, ela pode ter os usos mais diversos, mas a ambição artística dos fotógrafos pode fazê-la ser reconhecida a mesmo título de outras práticas, como o vídeo, por exemplo.

Uma exposição em Nova York "What is a Photograph" mostra as amplas possibilidades da fotografia, com intervenções de fotógrafos-artistas que abrem uma discussão da fotografia como uma mídia autônoma.

A questão da autonomia é complexa. Deve-se compreender a fotografia como um mundo a parte, com suas regras e seus valores? Eu acredito, ao contrário, que a riqueza da fotografia consiste no diálogo que ela estabelece com todas as outras formas de expressão, ela literalmente invadiu as formas artísticas a partir do início do século 20, com a fotomontagem, por exemplo. De um modo mais amplo, as diferentes práticas fotográficas proibem definir "a" fotografia como algo único. A diversidade de imagens fotográficas não pode ser englobada em uma única definição.

Como vê a mudança no jornalismo diário, que ainda tem assuntos duros, como guerra, conflitos, disputa eleitorais?

A fotografia do tipo documental é ao mesmo tempo um testemunho e uma proposição formal, um registro da realidade mas carregada de elementos subjetivos que produzem representações. Essas imagens trabalham com símbolos, códigos culturais que integramos à nossa cultura, os estereótipos da revolta no caso de reportagens sobre manifestações, por exemplo. Os fotojornalistas são os primeiros a utilizar códigos de representações para tratar os eventos gramáticos, foi o que vimos recentemente com as manifestações em Kiev na Ucrânia.

Análises. Michel Poivert é especialista em fotografia

Foto e tradução: Andrea Eichenberger